2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 44. QUINTA FEIRA, 10 DE JUNHO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

REFORMA DA PAUTA.

A reforma da pauta está officialmente declarada. Os documentos comprovativos deste facto economico já foram publicados na REVISTA. A maneira como foi recebido o pensamento do governo justifica o facto e torna urgente a sua realisação. Em assumpto que abrange tantos interesses oppostos, que serve de thema a diversas theorias, é já muito indicar-lhe uma solução sem encontrar na frente o alvoroço da opinião, nem as suspeitas da desconfiança. Tudo prova que o governo soube escolher a occasião, e que acertou no modo de a aproveitar.

Os principios da governação publica devem sempre assentar em bases seguras que se possam expôr com franqueza e lealdade. Reduzir ao sigillo, ou á incognita de um problema, a expressão de qualquer principio governativo é mais do que erro, é absurdo. No ponto em questão sustentamos sempre, que o governo devia apresentar-se ao paiz com um pensamento seu, que fosse conhecido, e sujeito á discussão das differentes opiniões. Quanto a nós o governo comprehendeu portanto a sua missão, formulando o pensamento da reforma no relatorio que precede o decreto que a determina; e confiando a uma commissão, presidida pelo respectivo ministro, o desenvolvimento dos principios que estabeleceu.

Temos esperado pelo tempo para entregar ao dominio do publico algumas das nossas considerações ácerca de tão importante questão.

Ao presente já o tempo nos auctorisa para consignarmos que o paiz recebeu satisfactoriamente o acto do governo, e que a industria e commercio, deixando de perturbar o curso dos seus interesses, prestaram testimunho de confiança á projectada reorma

Apesar de que as idéas economicas já difficilmente se confundem, é mister assentar em que o principio protector substancía as ideas racionaes da sciencia governativa, desde que os systemas que falsamente assim o denominaram estão classificados como prohibitivos.

A prohibição é a negação absoluta da liberdade do commercio. A protecção é o unico meio racional e possivel de chegar a esse *desideratum* da sciencia, a essa doirada esperança de tantos pensadores notaveis.

Quando nos declaramos protecionistas é porque acreditamos nas grandes verdades economicas, é porque ao condemnarmos o monopolio respeitamos a liberdade de acção dos capitaes, e do trabalho de qualquer paiz, sem permittirmos que o systema acanhado e tyranno das aptidões naturaes trace o circulo fatal em que girem as faculdades do entendimento, e os recursos da força.

Em relação a Portugal, somos hoje tão protecionistas como sempre o temos sido; a experiencia do que vimos em outras nações, o effeito da nossa exposição no meio da opulenta e grandiosa exposição dos productos de tantas povos ensinou-nos que ao cabo de tanta decepção politica, de tanta ambição, e de tanta inepcia, podemos orgulhosos respeitar os nomes de Mousinho da Silveira, e de Passos Manuel.

Se antes da nossa sahida do reino, aqui mesmo nas columnas da REVISTA lhes prestamos já a homenagem devida a essas duas altas capacidades, que souberam vêr o largo horisonte, que a civilisação nos offerecia, devemos agora confirmal-a, ante novas provas do que taes intelligencias produziram.

Nenhuma consideração politica, nem das que mais radicalmente dividem os portuguezes nos influe na manifestação do que pensamos.

Curvando-nos ante os actos de arrojo e de saber de Mousinho da Silveira, podemos ousar não approvar algum dos modos como se realisaram. E qualquer allusão que algum partido julgasse menos honrosa para os seus principios, cabe ante esta

nossa franca prevenção. Somos crentes na força dos acontecimentos, e somos scepticos para os prodigios dos partidos. A deducção logica dos factos não é deshonrosa para ninguem; a gloria de qualquer partido é sempre uma censura para o outro. Os verdadeiros homens de estado não se fazem no tirocinio banal de qualquer seita politica, surgem com as armas da intelligencia, como a fabulosa Minerva, da séde em que reside o pensamento gerador de qualquer épocha historica.

Quando a critica sobe a esta altura não é para coroar os soldados do Mindello, nem para censurar os convencionados de Evora Monte; e se o paiz esquecesse com ella estas desgraçadas denominações, todos olhariam para a civilisação deste paiz, como para um facto grandioso, que está clamando por grandes recursos, que não cabem no estreito acampamento de uma tribu, nem nos demarcados limites que pertencem a uma raça.

A idéa politica é para nós impotente, para o bem fragil, e vacillante para combater o mal. A idéa economica é a prodigiosa alavanca adivinhada por Archimedes, ou se desenvolva pelo direito das tradicções, ou pela expressão do sufragio que investe em um o poder de muitos. Tudo quanto na politica existe de pessoal e de egoistico, tudo quanto representa a exaltação da inepcia pelo servilismo, ou da immoralidade pela intriga, tudo é varrido do templo da civilisação pela força redemptora das grandes idéas que esquecem os homens para cuidar da sociedade, que desprezam a ignorancia para exaltar e virtude, e que tem força para fundar o bem, destruindo o mal, sem ceder nem conceder.

Mousinho da Silveira não é para nós o homem de um partido, é o symbolo de uma era distincta na historia economica do paiz, é o representante do principio que assenta na propriedade a morigeração e felicidade publica, e que vê na falta de cultura de qualquer paiz a ignorancia a mirrar-lhe as forças e a sumir-lhe a gloria. As leis que o seu nome referendou entregaram a terra ao trabalho, dividiram sem decomposição que debilite a propriedade territorial, augmentaram a producção, e converteram em cidadãos uteis e trabalhadores muitos proletarios e pobres. Era mister que o progressivo augmento desta producção satisfizesse primeiro ás necessidades do consumo, que nesse tempo não satisfazia a producção agricola do paiz. Depois a sua abundancia, a descida de valor dos seus productos, faria deduzir do facto grandioso da legal liberdade da terra outro facto tambem importante e digno de illustrar um nome. Só os valores criam valores. Portugal dividido em celeiro e adega era um povo de mendigos, sem incremento de população, e sem campo para desenvolver a intelligencia. Ficaria ao pé da tulha e do tonel, estranho ao movimento civilisador do mundo, e sem gosar a iniciação dos prodigios das sciencias, e dos effeitos das artes. A pobreza do espirito, a escravidão das vocações, ainda mesmo sem fome, são um supplicio, que se não soffre sem ignominia, que não dura sem que a victima morra, ou o extinga. O sr. Passos Manuel não é tambem para nós o homem de um partido no assignar as pautas, é o symbolo da era industrial que o marquez de Pombal já tinha visto brilhar, e que Accursio das Neves tão altamente comprehendera como um dos nossos primeiros economistas. E' tambem, portanto, Passos Manuel o representante do principio que assenta no desenvolvimento e variedade das faculdades do trabalho, a fortuna e a ordem publica, e que vê na sujeição de um paiz aos mercados estrangeiros uma nação a privar-se de um meio de receita publica para a sua despeza productiva, deixando sepultar ao mesmo passo na ignorancia e na rotina muitas intelligencias robustas, e muitos espiritos ousados.

A pauta apresentou aos capitaes um novo emprego, desaccumulou os depositos que paralisavam a circulação dos mercados internos, elevou os valores que tinham descido abaixo dos gastos da producção, e promovendo o augmento da população, convocou muitos braços para a nobre e proveitosa vida do trabalho.

A situação nova que se está desenvolvendo nas previsões do futuro, forçosamente deduzirá destes factos:

Um systema completo e geral de instrucção publica.

Uma viação que apaga os traços de um estado barbaro que as nossas estradas representam no paiz.

A reforma do imposto directo pela justa repartição, e pela productiva applicação do seu producto para civilisar o paiz juntamente com a receita do producto indirecto.

A organisação do imposto directo sobre a base solida de uma liga de alfandegas peninsulares.

Na presença destas grandes e verdadeiras necessidades do paiz, a reforma da pauta é apenas uma provisão transitoria, mas do maior alcance para as finanças, e para a industria, sendo feita como o governo a projectou em virtude da combinação do principio protector com os justos direitos dos consumidores.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

APARELHO PROPRIO PARA OBTER DA AGUA DO MAR AGUA DOCE.

M. Normanby, que tem adquirido nome pelas suas innovações e publicações scientificas, no anno passado combinou e construiu um aparelho, que de certo será classificado entre os mais importantes inventos destes ultimos tempos.

Não é só uma theoria que responde a todas as objecções, é um facto de que póde convencer-se qualquer pessoa. A sua machina funccionou em Paris, e tanto pela logica da combinação como pelos

resultados verificados está demonstrada a solução do problema.

Propoz-se obter da agua do mar, por meio de um aparelho simples e de pequeno volume, sem auxilio de motor ou de peças mecanicas e sem reagentes chymicos, grandes quantidades de agua doce, ventilada, inodora, e saudavel, gastando apenas uma quantidade excessivamente pequena de combustivel. Basta dizer que com um kilogramma (34 onças e 7 oitavas mui proximamente) de carvão mineral obtem-se vinte kilogrammas da agua doce.

Nesse aparelho, a agua do mar, distillada a 100 gráus centigrados por meio de vapor a uma pressão pouco superior á da atmosphera, volatilisa-se sem levar as materias organicas que existem em suspensão e em solução na agua do mar e lhe communicam cheiro nauseabundo e gosto desagradavel.

O aparelho consiste n'uma serie de discos sobrepostos, communicando uns com os outros por meio de galerias contornadas em circulos concentricos, mettidos n'um banho de vapor a uma pressão pouco superior á da atmosphera. A agua do mar, circulando nestas galerias aquecidas pelo vapor que as circumda, desprende certa quantidade de vapores, que misturando-se com o ar atmospherico conduzido por um tubo posto em communicação com a atmosphera, condensam-se finalmente em agua doce muito bem arejada chegando a um refrigerante chato em forma de U, que está tambem em communicação com a atmosphera.

É em ponto pequeno uma imitação do que a natureza obra em ponto grande; porquanto, o vapor e a agua, que se combinam assim, como que representam uma nuvem, que chegando ás regiões mais frias do condensador deixa cahir a agua ventilada em fórma de chuva que se ajunta n'uma especie de cano, em que é facil recolhe-la.

Nos aparelhos de distillação ordinaria, chega-se a um ponto em que a agua commum do mar tornando-se sobresaturada deixa depositar-se ou assentar o sal. Este inconveniente, que se dá em todos os processos empregados até hoje e de que nos offerecem frequentes exemplos as caldeiras de vapor alimentadas com agua salgada, não existe no aparelho inventado por M. Normanby, porque a agua do mar circula nelle de um modo não interrompido, e não se evapora senão uma quantidade bastante inferior á que é necessaria para manter em solução os saes que ella contem.

Um aparelho de quatro palmos e meio de altura e dois e quarta de largura fornece facilmente perto de cinco almudes por hora.

Este processo, inteiramente economico, tanto a respeito do aparelho como do combustivel, é portanto destinado a prestar grandissimos serviços, não sómente á marinha, mas, tambem ás povoações maritimas que padecem falta de uma das primeiras necessidades da vida, ou que não podem obter agua saudavel senão de um modo precario e dispendioso.

TRATAMENTO DAS OLIVEIRAS ESTRAGADAS E COLHEITA DA AZEITONA.

(Concluido de pag. 560.)

Ainda outro erro commettem os camponezes, e vem a ser que dias antes da colheita fazem debaixo da arvore uma pequena eira; a azeitona cae naquella terra mechida, e pegam-se-lhe particulas terreas, que depois communicam mau gosto ao azeite; quando, pelo contrario, o chão no seu estado natural tem sempre alguma hervasinha que não deixa sujar de terra a azeitona. Além disso aquella despeza é inutil, e causa demais a mais o trabalho de padejar a azeitona para sacudir-lhe a terra, como se faz nas eiras, processo este que machuca as azeitonas umas contra as outras e não pódem ser bem conservadas e adquirem máu cheiro e gosto de ranço que depois communicam ao azeite.

A apanha da azeitona que cae no chão deve ser dada de empreitada a mulheres e rapazes, no que se poupa dinheiro e tempo.

Juntarei aqui, por agora, as theses derivadas das leis de physica vegetal que o cultivador deve ter sempre na memoria, e que são recommendadas pelos mais distinctos agronomos lombardos.

As principaes são:

1.° A duração e o vigor de uma arvore depende em grande parte do constante equilibrio que deve existir entre os ramos e as raizes. Nisto se funda o preceito de deixar que as raizes se estendam por baixo da terra da lavoura sem serem offendidas, e para que possam receber maior quantidade de alimento, que influindo em toda a arvore fará dilatar os ramos, formando-se uma copa frondosa e fructifera.

2.° O vigor de uma arvore depende em grande parte da igual distribuição do succo nutriente por todos os seus ramos. Portanto, cortar-se-hão todos os que sobrepujam os outros, como já dissemos.

3.° O succo ou seiva desenvolve rebentões muito mais vigorosos no ramo que é podado mais rente, do que no ramo que se deixa mais comprido.

4.° Sendo a direcção da seiva afluir á extremidade dos ramos, desenvolvem-se os olhos ou rebentos da extremidade mais fortes do que os lateraes. Nova rasão para o corte ser feito como se disse.

5.° Se fôr cortado inteiramente um ramo, a seiva que para elle se dirigia redunda em proveito dos ramos visinhos.

6.° Os olhos ou gomos fructiferos, nas arvores de pevide, nascem commumente nos ramos velhos, e nas de caroço, como a oliveira, nos ramos de um anno. Daqui se evidenceia que é grande mal varejar rijamente; e que convem esperar a perfeita madureza do fructo, que depois cahe facilmente com leve pancadas de canas, resultando sahir de melhor qualidade o azeite.

7.° Aquelles ramos em torno dos quaes não pódem circular desembaraçadamente o ar, a luz e o calor, ficam delgados e frouxos, e não dão lenha nem fructo, salvo quando por acaso se cortem os ramos visinhos mais grossos; e mesmo neste caso o augmento de fructo e o engrossamento dos ramos serão sempre diminutos e de pouca duração.

Portanto, não se devem deixar na poda os raminhos muito bastos, que sempre ficarão fracos. Para que por toda a arvore possa girar livremente o ar, e exerçam sua acção benefica todos os agentes atmosphericos, cortar-se-hão os raminhos internos.

8.° Quanto mais baixa se conservar a copa da arvore, tanto melhor resistirá á força dos ventos; e tambem a seiva ou succo nutriente não tendo de caminhar muito alimental-a-ha mais efficazmente.

Portanto, causam dois damnos ao mesmo tempo os que costumam cortar indifferentemente os ramos dos braços que ficam mais proximos do tronco, tanto interiores como externos, porque assim promovem maior elevação da arvore, contra a regra que fica exposta. Não me cançarei de repetir que é o peior tratamento, que se póde dar a uma arvore, pois muito depressa a arruina.

9.° Nos olivaes situados em grandes planicies onde as aguas não tem livre escoante ficam empoçadas e o solo não gosa do beneficio das influencias atmosphericas; por isso as arvores ahi dão escaço fructo, definham-se e perecem cedo.

Deve dar-se remedio a este mal, mettendo o arado ao terreno, formando um abaulamento, alteando a terra ao pé de cada uma fileira de plantas, deixando um rego, por onde em todo o tempo possam as aguas escoar-se desembaraçadamente. Assim se melhoram as terras, se tornam porosas e permeaveis á acção atmospherica, e as oliveiras recebem nova vida, do que tenho feliz experiencia nos olivaes denominados Estacal e Asseiro.

10.° O musgo, os bichos e os insectos, que se aninham entre a casca das arvores, causam grave perjuiso, porque, além de serem parasitas destruidores, fecham os poros da mesma casca e impedem que o ar, a luz e o calor penetrem nella. Cumpre, pois, caiar com cal viva todo o tronco ou os ramos infestados; porquanto, ao cair a camada de cal leva comsigo mortos os insectos, e seccos os musgos, e ficando livre a porosidade, e por consequencia a transpiração da arvore, esta se tornará florecente.

11.° O melhor systema de propagar as oliveiras é formar os viveiros com os rebentões novos, tirados das arvores velhas e que tenham pegado um pedaço de tronco velho.

J. GAGLIARDI.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Concluido de pag. 496.)

Pelas informações estatisticas que, relativamente ao pessoal empregado no commercio daquelle emporio do sertão da provincia, pude colher de pessoas que bellamente o conhecem, observo que existem ali 122 estabelecimentos de negocio, sem contar alguns dos infimos. Esses estabelecimentos prestam-se a esta classificação. A brazileiros natos pertencem 50, a brazileiros e portuguezes 4; a brazileiro com adoptivo e portuguez 1; aos adoptivos 22; aos adoptivos com portuguezes 3; a portuguezes 40; e a francezes 2. Os caixeiros que os servem são 177: a saber: 134 brazileiros, e 43 portuguezes. Cumpre declarar que em o n.° dos 134 comprehendem-se varios mancebos, que, por estarem dando o tempo, ainda não vencem ordenado. Os caixeiros brazileiros acham-se deste modo repartidos. Em casas brazileiras 58; nas dos adoptivos 23; nas dos portuguezes 39; nas sociedades brazilico-lusas 6; na de brazileiro com adoptivo e portuguez 3, nas dos adoptivos e portuguezes 3, e nas casas de outras nações 2. Dos caixeiros portuguezes 20 arranjaram-se em casas portuguezas; 9 nas dos adoptivos; 6 nas dos brazileiros, e os 8 restantes nas outras.

Todavia, se a gente nascida em Portugal pozesse a mira em desviar do commercio os filhos do Brazil, empregaria só naquellas duas cidades 185 destes? Ora, eu sei por informações de pessoas que visitaram as principaes povoações maritimas, que em todas ellas avulta o numero dos caixeiros brazileiros ao serviço dos portuguezes, e posso acrescentar que no sertão elles são quasi os unicos com que se servem os meus patricios, nem estes ahi achariam outros: lições mui severas já os convenceram de que lhes era mui nocivo perder de vista as ondas do mar. Mas o peior é que as taes lições tambem do interior afugentam a emigração das outras nações, o que talvez produz na beira-mar uma superabundancia de caixeiros tão prejudicial a estes, como ao paiz. É de crer que no Maranhão, em Pernambuco, e na Bahia os estrangeiros que se dedicam á vida caixeiral, a unica em que se lhes offerecem vantagens, excedam as necessidades do commercio; e no Rio de Janeiro tambem se accumulam 20:000 francezes com bastantes milhares de portuguezes e de outros emigrados, em quanto uma boa porção de toda esta gente estaria melhor collocada no interior. Mas o que fará esse pessoal superabundante? Internar-se-ha a um ou dois mezes de caminho dos portos maritimos para ahi ser victima da inveja, ou das rusgas? O que importa a riqueza que por lá se póde ganh r, se a segurança individual e a propriedade correm mil perigos?

Não é, portanto, exacto que quasi todos os caixeiros brazileiros sirvam nas casas inglezas; comtudo não deixa de ser verdade que quasi todos, por um motivo mui attendivel, as prefeririam a quaesquer outras.

A generalidade dos inglezes estabelecidos no imperio negoceiam só por atacado, e pagam bons ordenados. Em casa delles pouco se vive com a escravatura, nem com as ultimas classes; por isso raramente o serviço a fazer repugna aos habitos de creação. Os domingos sempre nessas easas são observados, e nos dias de trabalho o escriptorio regularmente abre-se entre as 7 e as 8 horas para se fechar das 3 para as 4 da tarde, ficando assim bom espaço para folguedos. Ora, isto é bem mais agradavel do que amanhecer todos os dias da semana, sem exceptuar os sanctificados, a um balcão, e permanecer ante elle até ás 8 ou 9 horas da noite, lidando quasi unicamente com a plebe e com escravos. Não podendo, porém, com os subditos britannicos accomodar-se senão um exiguo numero de pertendentes, é indispensavel que a mocidade brazileira com facilidade se amolde ao serviço de quaesquer outras casas de commercio.

Em todos os paizes a gente de negocio pelos seus habitos constitue uma classe mui distincta das outras. Em Londres, e n'outras localidades na Gran-Breta-

nha, no dizer de um escriptor inglez que esse uso censura, costumam-se hoje assalariar caixeiros e caixeiras que, vindo de manhã para as lojas, voltam á noite, comendo e dormindo em suas casas; no Brazil ainda se conserva um pouco daquelles rigidos costumes que os inglezes com a sua usual severidade observavam ha 60 annos. Tanto o negociante brazileiro como o portuguez, salvas poucas excepções, recolhem em sua casa os caixeiros; exigem que as portas se fechem ás 10 da noite, e outras exigencias farão, cuja aspereza talvez sem inconveniente de maior se podesse modificar: em quanto, porém, semelhante modificação não se realisar, que remedio senão amoldar-se cada um ao genio, ao viver de quem lhe paga? Em attenção a isto eu creio que mais valeria aconselhar os mancebos a ser soffridos do que lisongear-lhes os flatos dizendo-se-lhes que teem direito á ser bem tratados. Sim, todo o homem que serve outro tem direito a ser bem tratado; comtudo é mister soffrer para menos soffrer, e a profissão commercial como a do artista, a do litterato, e todas, póde equiparar-se a um edificio, a cuja cupula se não chega sem percorrer todos os seus degráos. Consequentemente quem do atrio pertender trasladar-se ao tôpo, ha de resignar'se ás fadigas e aos dissabores que em tão enfadonho transito se costumam experimentar. Soffrimento, perseverança, trabalho e economia, eis ainda o repito, a escadaria para o pobre com prospero exito chegar ao fim da vida commercial. Não são os patrões que hão de andar a geito dos caixeiros, senão os caixeiros que hão de andar ao dos patrões.

Fora-me indispensavel compor um volume do tamanho de uma prosodia, se houvesse de refutar quantas criminações aos filhos de Portugal teem sido feitas, pelo que desta vez ficarei aqui. Estou intimamente convencido de que já disse assás para a todo o mundo fazer conhecer a iniquidade com que no Brazil se lhes move guerra tão implacavel.

Deixo escriptas algumas verdades talvez bem amargas; porém, os brazileiros em geral hão de fazer-me justiça, e reparar que a divulgação dessas verdades era mui necessaria ao meu fim. Além disso, o direito de accusar é correlativo da obrigação de ouvir a defeza, a qual dentro do honesto e do justo não conhece limites alguns. Desde a independencia que os portuguezes são aqui á sua revelia vilipendiados: uma voz portugueza ainda não havia energicamente soado em seu favor, pois que se d'além do Atlantico já alguns brados de indignação se soltaram em beneficio delles, o echo desses brados, já quasi abafado pelo bramido das vagas, acabou de sumir-se nos rochedos da praia. E demais, aquelles clamores eram soltos por gente mui arredada destas latitudes, a qual difficilmente podia apreciar bem os factos contra os quaes clamava, nem graduar a culpa que o Brazil tinha nos infortunios dos portuguezes. Dahi proveio certamente o imputar se alguma vez a todo o paiz a culpa de excessos que elle presenciou com dôr, mas não pôde reprimir. Eu não podia commetter similhante erro; por isso dou a cada um o que lhe pertencer; e por isso reconheço que o povo brazileiro, sempre benefico e generoso no geral, detesta as scenas de horror em que os portuguezes mais de uma vez mui ao vivo representaram como victimas.

Mas para em tudo ser justo, pertendo ainda fazer confissões, e dar agradecimentos.

A propaganda que ultimamente, mais feroz do que nunca, no Maranhão e em todo o imperio se renovou contra os nascidos em Portugal, foi pelo *Progresso* duas ou tres vezes altamente reprovada, e por isso grandes louvores lhe cabem: comtudo quem na estacada pelejou com mais generosidade, valor e assiduidade em favor dos perseguidos, foi o sr. Francisco Sotero dos Reis, então mui digno redactor da *Revista*, e hoje do *Correio de Annuncios*. Este illustrado brazileiro, que a ninguem cede o amor ás instituições, á independencia, e á prosperidade da sua patria, erguendo-se quasi só contra aquella atrocissima perseguição, constantemente na *Revista* a combateu com as armas do raciocinio que tão destramente maneja, e houvera derrotado os antagonistas, se com taes armas elles podessem ser derrotados. Em nome pois de todos os portuguezes, da rasão, e da boa moral, eu para sempre aqui tributo ao sr. Francisco Sotero dos Reis um voto de sincero agradecimento.

Se mais alguem houve, quer nesta provincia, quer nas outras, que então pela imprensa se pozesse do lado dos accusados contra os accusadores, isto é, do lado do fraco contra o forte, saiba que a gratidão dos portuguezes é para todos.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXVI.

IR BUSCAR LÃ E VIR TOSQUEADO.

Agora voltando atraz, é preciso explicar a verdadeira causa da inflamação de garganta do padre mestre. Demosthenes padeceu de rouquidão politica e curou-o milagrosamente o chasco de um rival. S. reverendissima vendo-se cortado nas evoluções forenses, deixou arder as fauces de raiva extravasada. Em resumo, a sua molestia foram diabruras jesuiticas.

Seriam nove horas da manhã, quando o sr. fr. João dos Remedios pediu a capa e o chapeo ao piedoso Thome, que lhos entregou mastigando uma oração ao Anjo Custodio. O milagreiro commungava com Deus, o frade impava de latim e de textos romanos, e apesar dos revezes ainda acreditava na boa estrella. Vaidade das vaidades! Deitando o pé fóra da cella, o Pegas tonsurado sentia impetos de atterrar a sombra eloquente do proprio Cicero!

Isto passava-se um dia antes do solemne deposito regio de D. Catharina de Athaide em casa

de Lourenço Telles. Na vespera tinha tido logar a confissão desaforada do honrado Thome; á noite o padre Ventura tomara posse da benevolencia de el-rei; finalmente a ordem de s. magestade a Diogo de Mendonça entregava-lhe a chave de condão, que devia abrir os mysteriosos arcanos do secretario das mercês. Bastou um grão de areia para desmontar a inconstante roda da fortuna. Um chocalheiro (era o vicio do sr. Thome estamos auctorisados a dizel-o!) passando por Santo Antão, tinha derrotado planos amadurecidos em longas meditações... Mas não antecipemos.

Compondo no hombro a vistosa capa e armando-se de zelo para resistir ao frio, o padre mestre desceu a escada, que se encaracolava da portaria até ao dormitorio. A fé, a alacridade, e a vantajosa opinião que formava do seu merito, davam-lhe azas. Recebendo a benção, o leigo admirou-se das cores sadias daquelle apostolico semblante: outra vez tremia de gosto o sorriso entre as roscas da bocca, rubicunda como nos dias venturosos. O barretinho na coroa da cabeça descançava em paz dos repellões irosos. Os olhos não dormentes, mas activos, batalhavam com o sol fittando-o com viveza. Em fim o corpo firme e direito parecia remoçado. Que prodigios faz a esperança!

De S. Domingos á Calcetaria não era longe, mas a Providencia no caminho mais curto sabe repetir os avisos. Ao descer o ultimo degrau para a portaria a fivella anti-canonica do çapato estalava no peito do pé. Entrando no Rocio em jejum natural um torto pedia-lhe esmola. Ao virar para a rua Nova dos Ferros, o chapeo achatado de um jesuita fazia eclipse, passando pelo seu e ainda riscava a garrida aba do dominico! Estes presagios não lhe descoraram o animo. O primeiro despresou-o como philosopho; o segundo esconjurou-o como christão; o terceiro detestou-o como frade. Amiudou sómente o passo e apertando mais a capa, disse como Cesar: — Vae aqui fr. João e a gloria do seu convento!

Naquelle tempo era a rua da Calcetaria uma rua aristocratica e sacerdotal. Aristocratica porque no chão privilegiado assentavam em parte os paços da Ribeira; sacerdotal porque se elevava em uma das suas frentes a casa da Congregação, aonde se fundou ao depois o collegio dos srs. Principaes da Patriarchal, quando a piedade de D. João V ornou das purpuras cardinalicias a antiga egreja ulisiponense. Entre o palacio da Congregação, aonde a rua se alargava, e os paços da Ribeira, estavam as casas de Diogo de Mendonça Corte Real, altas de tres andares, levantadas em pedraria e tendo toda a vista para a rua principal. Um passadiço interior fazia a communicação com a residencia regia; um pateo escuro dava-lhe entrada particular para o palacio da Congregação. Estas casas eram da coroa, e o secretario das mercês, estando o monarcha em Lisboa, podia dizer-se que tinha sempre os pés no paço. O digno jurisconsulto provavelmente que não escolhera por acaso uma posição tão estrategica.

Ao portão de volta baixa, mesmo dentro do arco, achava-se perfilado o velho escravo preto, que servia de cerbero. Sentinella official, o negro desde o romper até ao por do sol enxarcava-se na divina ambrosia, chamada cachaça pelos filhos dos torridos sertões. Preto encyclopedico nas artes domesticas tinha acompanhado a seu senhor desde a aula de primeiras lettras até ás enviaturas mais honrosas; e possuia a sua complacencia. Podemos affirmar que o habito de Christo empalmado a Domingos Pires, se fosse dirigido ao Achates fusco, talvez excitasse menos epigrammas da parte do ministro.

O certo é que o pae Milciades (deram-lhe este nome heroico!) era um compendio de virtudes negativas e de qualidades positivas. Mentia em tudo (menos a seu amo) com um denodo irreprehensivel. Manejava o ferro de frizar e a borla dos poz como a barbeiro mais perito. Era uma pega no geito de vazar da copa para as tendas quanto lhe caía debaixo dos dedos. Se a visita agradava em casa, Milciades rasgando até as orelhas a bocca de tubarão dava-lhe as boas vindas; se era impertinente, estendendo o beiço pendente, que parecia uma tromba, affugentava-a. Discreto, flexivel e carregado de annos e de admoestações tinha descido um a um os degraus da fortuna até parar no desterro da guarda exterior do capitolio. Seria um negro perfeito sem a invencivel propensão alcoholica, a qual no fim da tarde o deitava serenamente debaixo do banco, insensivel como um rochedo. Seria um servo impagavel sem a exquisita mania da transmutação dos garfos e culheres de prata em aguardente de cachaça. Ommittidas estas fraquezas podia-se admirar nelle um escravo exemplar.

Vendo endireitar para a entrada o passo esperto do nosso fr. João, Milciades sacudiu com agrado a lan crepida e quasi branca da veneravel carapinha. Mostrou os dentes de marfim e revirou o beiço elephantino em signal de jubilo. Depois de lhe beijar a manga e de o bajular com

as momices ebrias do seu affecto, entre gorgeios de riso pardo e precipitações de zelo, fez-lhe a honra de o preceder por um dedalo de escadas e de corredores até ao sancta sanctorum do secretario das mercês. Ahi puchou o cordel da campainha, levantou depois a tranqueta da porta e com benevola violencia introduziu o frade na sala da espera.

Este, se acreditasse em agouros, devia perder todas as illusões nesta manhã fatal, digna, como depois disse, de ser memorada em negra lapide. Diogo de Mendonça não se achava na sala, quadrilongo sombrio, forrado de couro vermelho com lavores de oiro. Dois tremós de espelho esguio e painel bucolico por cima, postos um defronte do outro, sustinham diversos monstros de barro japonez, cuja horrenda fealdade só podia competir com a grossaria do oleiro e a barbaridade da pintura. Desta casa, aonde jazia quasi despido da opulencia antiga um camapé, em tempos felizes cuberto de veludo roxo, é que se passava á livraria; e della é que um escuro e longo corredor abria passagem para o paço da Ribeira desembocando mesmo diante da porta dos primeiros quartos de Roque Monteiro Paim, alojado como o seu emulo a expensas regias.

A livraria era extensa, alta de tectos contra o costume, e mais ostentosa do que elegante. Toda em roda estava vestida de estantes. Uma grega arrendada em talha circumdava cada corpo, rodeando os lados e o fundo, e ornando-se de espaço a espaço de grandes pinhas de flores de esculptura primorosa. Adiante, uma especie de frontão entrelaçado de folhas caprichosas offerecia em revelo a figura quasi lacrimosa de uma das nove musas. De cada parte do frontão dois grupos de anjos, assoprados de faces e roliços de membros, recordavam aquelles papudos cherubins, que appareciam como accessorio obrigado no cimo dos respeitaveis armarios holandeses.

Os obesos seraphins das estantes batiam as azas seccas para o tecto, aonde em molduras separadas por filetes doirados um pincel boçal tentara a Deus, copiando differentes scenas mythologicas. No meio deste pandemonio, em que o desenho e as cores brigavam em dissonancia, a Venus Cyprea dentro de uma gloria de açafrão rematava o opprobrio do paganismo. O rosto da mãe dos amores, assanhado em carmim, parecia a face descomposta de uma bachante, e dos labios em que Marte furtava o osculo prohido, saía a argola denegrida de um candelabro pelo menos tão antigo como o inventor das lampadas. Quem quer que tinha mobilado a casa e delineado os ornatos era de certo mutilado do sexto sentido intellectual, que Topfer exige absolutamente para se não confundir o rocim com a sereia.

Fr. João sabia a casa de cor; e as estantes da curiosa livraria eram tão suas conhecidas como do proprio secretario das mercês. Passando pelo immenso bufete e pela poltrona abbacial do ministro nem sequer deitou os olhos para a grande tela, que representava a adoração dos Santos Magos. Ouvia fallar no quarto immediato e ardia em desejos de apparecer... Se podesse adivinhar, como seria prompto em sumir na manga a mão que já tenteava a argola da porta, apenas cerrada sobre o fecho!

Uma das vozes tinha a inflexão vibrante e agradavel de Diogo de Mendonça: a outra pareceu-lhe desconhecida. Fr. João scismou sobre quem poderia ser, mas não lhe occorria. Avançando e retirando a mão, pondo o pé adiante e tornando a recuar, hesitou alguns instantes se usaria dos foros de amigo velho interrompendo repentinamente um colloquio, cuja importancia ignorava. Deliberou-se por fim; bateu de rijo com os nós dos dedos; tossiu, raspou os pés, e ao grito de — entre quem é! — do secretario das mercês, introduziu-se no apposento intimo, no verdadeiro Tibur de Diogo de Mendonça.

— « *Me, me, adsum*. . . . » — Estacou engasgado. Horror! Escandalo! O sorriso que vinha á flor dos labios, fazendo alas á citação, foi cuspido fóra em uma expectoração de ancia. O verbo, a chave da phrase classica, foi engulido por uma convulsão nervosa. O procurador tinha entrado cedo, ou tarde de mais. Mesmo defronte da porta, na cadeira de braços mais fofa, com a chavena de chocolate mais fino adiante de si, quem havia de encontrar? Um dos da companhia de Judas! Um dos novissimos dos dominicos! Um jesuita todo inteiro e completo desde a roupeta até á capa.

Estava Troya occupada! E por cumulo de desgraça via Eneas abraçando Ulisses!

Diogo de Mendonça esperava tudo, menos a apparição do reverendissimo. Achando-se com elle, sobresaltou-se, deu um pulo na poltrona, e partindo a prezilha fez dos oculos duas lunetas. Ao mesmo tempo escapava-lhe por entre os dentes a seguinte exclamação:

— « Maldito preto! Demonio! Como hei de eu accommodar agora isto? »

Foi somente eclipse parcial. Depressa chamou

ao rosto o agrado da amizade, e poz nos olhos mais de uma explicação maligna da presença do jesuita . . . . Sorriu para cada um dos padres com metade da bocca, e o sorriso bifronte a nenhum delles disse a mesma coisa. Levantando-se mais desazado da parte esquerda do que o costume; dando ao pescoço maior queda sobre o hombro, signal da paciente expectação do holocausto, esta victima imaginaria parecia accusar a Deus e aos homens, offerecendo o collo á espada do algoz. Quem teria animo de exhalar a sua ira diante de tanta resignação?

O jesuita era o padre Ventura. Escusado é acrescentar portanto, que dos tres sinceramente tranquillo e satisfeito só elle estava. Ninguem sabia os fios do labyrintho melhor; e, dahi procedia o ar sereno com que sustentava o seu papel. A figura do dominico, espavorido, de braços abertos, e bocca engatilhada, não podia entristecer ninguem: e o visitador estudou-a alguns momentos com bastante curiosidade, sem lhe escapar nenhuma das phases por que passava o espirito de fr. João. A hypocrisia de Diogo de Mendonça, apanhado em flagrante, e recordando o seu Plutarcho na vida de Annibal, divertia-o tambem pela habilidade do actor, e sobretudo pela perfeição da mascara humana, em que o ministro conseguira transformar o semblante.

A principio, quasi insensivel, o padre procurador deixou-se guiar á cadeira do costume pelo seu amigo velho; deixou assestar diante de si a salva dos biscoutos e a chavena do chocolate; e ouviu quasi sem perceber as melifluas perguntas do secretario sobre o estado da saude vacillante. O seu espirito não estava com elle; peregrinava dentro do bolso, revendo as linhas garrafaes do recurso a el-rei contra a companhia de Jesus. Um demonio travesso, revoando-lhe em torno e distilando na sua alma os venenos da adulação, insinuava a gloria de se começar d'alli a lucta, repetindo em presença de um roupeta, ignaro talvez, (não conhecia o padre Ventura!) o papel fulminante, acerado pelo buril da satyra. Pouco a pouco esta ideia apoderando-se das suas faculdades, restituiu as cores sensuaes ás faces, a audacia critica aos olhos, e o sorriso ironico á bocca.

Erguendo a cabeça de repente, e atravessando com a vista provocadora o olhar humilde e cauto do visitador, intimou-lhe um duello proximo. Respondendo, depois, concisa mas amigavelmente, a Diogo de Mendonça, deixou-o entender que era por infelicidade sua o juiz designado para decidir um pleito, cujo alcance a solemnidade do arguente revelava que havia de ser immenso.

O chocolate era saboreado, entretanto, em tragos compassados, e o biscouto mastigado com a pausa do amador gastronomo; e apezar desta occupação interessante o dominico, mais socegado, ia-se informando com instancia da molestia de D. Pedro II, dos chascos do infante D. Francisco ao confessor e ao conde de S. João, e das contestações do principe com seu augusto pai. O ministro, em talas, jogava a maroma politica aparando os botes do interrogatorio impertinente. Por fóra parecia doce de mel; mas por dentro sentia repellões de pingar os couros do illustre Milciades com lacre derretido, supplicio china de que o estimavel Fernão Mendes Pinto, de curiosa memoria, se lembra muito com horror.

O secretario das mercês, experiente por tacto e por estudo no conhecimento dos homens, padecia, notando a ingenuidade quasi boçal de que o padre Ventura tinha a bondade de revestir o rosto espirituoso; e lendo nos olhos baixos e compungidos de sua paternidade mais de uma risada interna á custa da parodia, em que elle Diogo de Mendonça se via obrigado a figurar. Este quarto de hora pareceu-lhe um seculo; e daria até a sua traducção de Propercio, tentada com as illusões da mocidade, para se vêr a mil leguas do douto padre mestre e do lince jesuita, que por instincto achava mais perigoso do que todos os seus inimigos juntos. Fr. João deu por concluido finalmente o almoço; e o ministro vendo-o recostar-se com basofia ao espaldar da cadeira e expectorar com força duas ou tres vezes, sentiu o calafrio nervoso do caçador noviço, que desfecha da primeira vez a espingarda, e treme com os olhos ouvindo bater o cão na caçoleta. Effectivamente a physionomia do procurador estava uma epopeia.

Entufado nos habitos, crescendo com a idei^a^ da proxima derrota dos emulos, mimoseava o jesuita, que de proposito se fazia muito pequeno, com um olhar mortifero, em que unia o sentimento da superioridade olympica ao desdem homerico, á comiseração, á charidade até. Era tal a persuasão de que o golpe seria mortal, que chegou a entrar em escrupulo sobre o dever de prevenir uma desgraça, tecendo algum prologo, a fim de ir dispondo a victima. A sua boa estrella poupou-lhe este ridiculo.

Diogo de Mendonça, que pela expressão do rosto adivinhava os segredos do seu amigo, e que o estimava sinceramente, teve medo do exordio mudo, e dava-se a tractos cavando na imaginação para descubrir qualquer ardil que pozesse fóra de combate o discurso, ou o que quer que era, ruminado por fr. João nas vinganças fradescas. Um presentimento vago advertia-o de que o jesuita (como elle) não se fazia humilde senão porque era grande: e, por isso, previa que a scena acabava por força com um lance, ao qual de todos os actores só o padre Ventura conhecia a força e a importancia.

Infelizmente, fr. João andou mais ligeiro do que o ardil do ministro, e a tosse preparatoria dos grandes rasgos oratorios do dominico annunciou o começo da batalha. Suspirando e compungindo-se, convertendo o rosto em uma interjeição dolorosa, Diogo de Mendonça derrubou as sobrancelhas hirsutas e fechadas como as da raposa, e com a unha do indicador entregou-se á autopsia de uma verruga parasita, que servia de pretexto ao acto machinal, abaixo da canna do nariz, aquilino e pronunciado, como o nariz heroico de Scipião ou de Marcello.

— « Sr. Diogo de Mendonça » — dizia o procurador com solemnidade — « hoje não é fr. João dos Remedios, familiar desta casa, e criado antigo della, quem visita um amigo sabio e benevolente: é o procurador de S. Domingos, ordem illustre e veneravel, que vem requerer audiencia do secretario das mercês de el-rei nosso senhor, porque precisa dizer de sua justiça! »

Ouvindo o prologo campanudo, o padre Ventura não pôde conter um ar de riso. O ministro esmorecido apanhou o sorriso, e deu á cabeça a oscillação, que era um geito seu, quando se dispunha para representar. Antes de responder, enterrou-se mais na cadeira, e seguindo por baixo das pestanas os imperceptiveis movimentos do jesuita, procurou formar o seu juiso, e calcular a sua tactica. O visitador, apercebendo as evoluções, tinha-se tornado a estatua da attenção.

— « Dás licença, fr. João! » — exclamou o secretario com a seriedade mimica, cortejo obrigado das suas facecias — « Pelo que vejo pões aqui o areopago, e nada auctorisa tanto a presidencia do archonte, como um bom par de oculos. . . . Agora, faze favor, continua a dizer de tua justiça. »

O padre Ventura riu-se com gosto e claramente do episodio dos oculos, sustentado pelo ministro com imperturbavel e magestosa dignidade; porém o procurador, por isso mesmo, carregou-se de mais tres athmospheras de solemnidade.

— « O negocio de que venho tractar » — disse enfadado — « é muito serio; e espero que v. s.ª . . . . »

— « Adeus! Vae dormir e as tuas senhorias! . . . Perdoa o equivoco, fr. João! Sempre tens coisas. . . »

— « Peço justiça, repito! » — insistiu o dominico exacerbado. — « Requeiro attenção. »

— « Pois falle v. rev.ma! Estou callado. . . Sempre lhe observo, porém, que a justiça que faz chorar é mais pezada do que a que se póde levar a rir. Passemos á tragedia. »

— « Exporei o caso *simpliciter* » — continuou fr. João, assoando-se estrepitosamente e cheirando uma pitada.

— « Sou todo ouvidos! » — replicou o secretario, fazendo uma visagem de resignação.

— « A ordem dos pregadores tinha alugado os seus arcos no Rocio. . . . »

— « Ah, fr. João! compadece-te deste infeliz amigo. Esses malditos arcos é a centesima vez que m'os mettes na cabeça ás martelladas... Eternos arcos, sancto nome de Deus! »

— « Fallo como sei. Começo pelo principio... »

— « Oxalá! . . . Dás licença? Antes foras tu bernardo, perdoa o meu desejo. Esses dão ovas frescas aos hospedes, e desculpam-se dizendo que não houve peixe. Até queria um que o marisco se julgasse fructo por ser de casca. . . Tolos! Mas ao menos se não desatam, não nos moem. . . . »

— « Posso continuar? » — exclamou o procurador irritado e fustigando-o com a vista.

— « Falla; mas dos arcos para baixo. . . Tem caridade, fr. João! »

— « O sr. padre, é da Companhia de Jesus, se me não engano? » — perguntou o dominico com um sorriso aggressivo.

— « Para servir a v. rev.ma! » — respondeu o visitador com o maior acatamento.

— « Então, é natural, deseja saber o negocio desde a *causa litis?* . . . »

— « Deixa a causa, homem, e tracta dos effeitos! . . . Seriamente, tenho muito que fazer. . . »

— « Sinto a impaciencia de v. s.ª! » — accudiu o frade engomando a voz e empapando as faces — « Mas espero que apezar disso me conceda o *jus dicendi*, a voz de justiça, que é

de direito para todos os vassallos de el-rei nosso senhor... Sua paternidade pertence á companhia e como tal é parte, e tem direito a ser informado... »

— « Eu por mim, com todo o gosto; desejo só que v. rev.ma se não enfade » — disse o padre Ventura muito assucarado.

— « Ah, serpente... » — rosnava o secretario — « Agora, fr. João levanta mais seis arcos! »

— « Não me enfada nada. » — redarguia este — « Conhece de certo uma demanda entre o convento de S. Domingos, e os adelos do Rocio?... »

— « Tenho ideias vagas! — Agora o que não sei dizer é quem venceu... Havia de ser por força o convento?! »

— « Hum! » — tossiu o frade corando de paixão — « Eu lhe conto a historia e logo ha de lembrar-se. A ordem dos pregadores foi metida debaixo dos pés, foi condemnada em provisão do desembargo do paço... e isto hoje é a pedra de escandalo da cidade; só admiro... »

— « Como é cousa obscura e panica não dei attenção, não se admire v. rev.ma O processo continua?... Não suppunha!? »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

POESIAS INEDITAS DE OTTONI.

José Eloy Ottoni é o menos conhecido de todos os poetas contemporaneos de Bocage. Parece que tendo pertencido á seita encyclopedista, assaltado depois de remorsos voltara ás idéas religiosas a que na sua mocidade fora muito afferrado. Dahi vem que as suas ultimas composições versam todas sobre assumptos religiosos.

A uma respeitavel familia, muito da amisade do poeta, devemos, por intervenção do nosso amigo A. J. de Andrade e Figueiredo, as poesias que vamos publicar; e de uma noticia inserta em varios n.os do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, no anno proximo passado, extrahiremos uma compendiosa biographia do auctor. Não publicou este durante a sua vida (que nós saibamos) mais do que um folhetinho de versos lyricos com o titulo *Annalia de Josino* e um pequeno *Drama allusivo ao caracter e dotes poeticos de Bocage*. Nas modernas compilações de poesias brazileiras, que temos visto, em varios escriptos relativos a Bocage e seus amigos não encontramos menção do Ottoni. É um poeta quasi geralmente ignorado, e que pela força das expressões, pela harmonia da metrificação merece ser mais conhecido.

O psalmo que precede as poesias ineditas que começamos a dar á luz, foi composto durante a residencia de Ottoni em Hispanha, na manhãa immediata a uma noite de trabalhosa lucta de espirito, e em que se lhe appresentaram visões medonhas, que deram causa á sua conversão ás antigas idéas e crença religiosa.

A noticia historica que vamos extractar é escripta por um parente do poeta, o sr. Theophile Benedicto Ottoni.

« Nasceu José Eloy Ottoni no 1.º de dezembro de 1764 na villa do Principe (hoje cidade do Serro) da provincia de Minas Geraes.

Filho legitimo de Manuel Vieira Ottoni, e D. Anna Felizarda Paes Leme, José Eloy Ottoni descendia pelo lado paterno de Jorge Benedicto Ottoni e de seu pae Manuel Antão Ottoni, que em principio do seculo passado, foragido de Genova, se asylára em Portugal, e que depois de 15 annos de residencia em Lisboa obtivera honrosa carta de naturalisação com data de 7 de dezembro de 1725, registada em 12 de julho de 1727 no senado da camara da cidade de S. Paulo, para onde se transportára a familia Ottoni.

Pelo lado materno descendia de João Gomes de Abreu Rego, natural de Braga e de sua mulher D. Rita de Godoy Moreira, natural de S. Paulo.

O pae de José Eloy Ottoni, fiel ás tradições que seus antepassados trouxeram da Italia, desvelou-se em dar a seus filhos uma educação liberal. Tinha numerosa familia, e apenas 400$000 rs. de ordenado, como fundidor que era na intendencia do ouro da villa do Principe; mas, inspirado pelo amor paterno, soubera multiplicar os seus recursos trabalhando incansavel n'uma officina de ourives, em quanto os filhos cultivavam sua intelligencia, applicando-se ás bellas-letras.

Depois que completarem os seus estudos, dizia em familia o velho Manuel Vieira Ottoni fallando dos filhos, um será ferreiro, outro alfayate, se de outro modo não puderem ganhar honradamente a vida; mas o filho de Manuel Vieira, ferreiro ou alfayate, ha de obter no mundo mais alguma consideração do que o commum dos ferreiros e alfayates.

Cedo o velho ourives principiou a colher o fructo da sua ternura e desvelos paternaes. O joven José Eloy, tendo cursado com louvor a aula de latinidade no arrayal do Tejuco, hoje cidade Diamantina, e sendo dado por prompto pelo professor, reclamou perante o pae contra a approvação do mestre, e obteve ser enviado ao collegio de Cattas-Altas, então muito afamado, dizendo que desejava familiarisar-se com todos os segredos e bellezas da lingua latina e encetar o aprendizado de outras humanidades. Tal era, porém, o adiantamento do estudante do Tejuco, que o director do collegio de Cattas-Altas, ouvida a sua primeira lição, o tomou por collega no magisterio

da grammatica latina, e a seu pai escreveu, não só agradecendo o auxilio que lhe déra em um tal discipulo, como, demais, franqueando gratuitamente o internato do collegio a todos os seus outros filhos, em quanto alli estudasse e ensinasse o primogenito.

Facilitada assim a educação de seus filhos, e lisongeado em seu amor proprio de pae com as glorias que José Eloy Ottoni conquistára no collegio de Cattas-Altas, o velho ourives multiplicando as economias o o trabalho, conseguiu surtir um peculio com que o filho, ainda adolescente, podesse viajar e instruir-se na patria das letras, e berço de seus antepassados.

Foi sob o sol risonho da Italia que desabrocharam os talentos e genio poetico do joven Ottoni. E quem, se lhe arder n'alma uma centelha só do estro divino, aspirando as auras deliciosas da Ausonia, não revelará em versos eloquentes essas sensações indefiniveis que mad. de Stael empresta a Corinna no seu improviso do capitolio?

José Eloy Ottoni, profundo conhecedor da latinidade, quiz pois ensaiar-se na metrificação, estudando nos proprios logares as bellas descripções de Virgilio, e vertendo as Georgicas em verso portuguez. Infelizmente deste, como de muitos trabalhos seus, não restam vestigios.

Entregue simultaneamente aos seus ensaios poeticos, aos estudos, e á contemplação das maravilhas de Roma; afferrado ás idéas religiosas em que fôra educado, e a que se conservou sempre fiel; enlevado nas abstracções contemplativas de um espirito enthusiasta, o joven Ottoni esteve por vezes resolvido a tomar o estado ecclesiastico; não chegou, porém, a fixar-se nesta resolução, e voltando por Lisboa para a sua terra natal, acceitou, na falta de outro meio de vida, a cadeira de latim da villa do Bom Successo, hoje cidade de Minas Novas.

No anno de 1791 ou 1792 encetou o exercicio deste emprego, e pouco depois desposou-se com a sr.ª D. Maria Rosa do Nascimento Ottoni, filha do coronel Manuel José Esteves. Teve dois filhos, o sr. Honorio Esteves Ottoni, e D. Hedwiges Esteves Ottoni, que ainda existem em Minas Novas em companhia de sua veneravel mãe.

(Continúa.)

PSALMO.

Perdão, oh Deus de amor! Sou réo de morte;
A sentença fatal bebi de um sorvo;
Teu sangue profanei, bebi teu sangue;
Fui sacrilego, e surdo ao ceo, e á terra;
Perjuro t'implorei; e ouvi meus votos
Como eu perjuros retumbar no inferno!
Perdão, oh Deus de amor!... Quem te confessa
No inferno, aonde confusão é tudo?
É na estancia da luz, n'um templo vivo,
Que humilhado a teus pés recorro... invoco
Poder supremo, que desata, ou liga!
Mas... oh Deus de vingança! Oh recto! Oh justo!
A esperança infiel não vive, morre;
Essa vem do temor, a crença é fria:
O Cordeiro sem mancha, oh dor! me acolhe,
Amoroso me off'rece a vida, o sangue,
Que deu, que derramou por mim, por todos.
Eu vacillo..., e prometto. Incerto o passo...
Tremula a voz... — Pequei! — dos labios voa,
Setta pungente, que reflecte, e pára
No ponto opposto á direcção, que fére.
N'um osculo de paz se envolve o crime!
O temor me conduz!... Tropeço, e rola
Voragem negra, que vai dar no abysmo.
Reprova o coração; consciencia é tudo;
O remorso me opprime; os labios mentem
— Pequei! — Se amor o arranca, a emenda o segue;
Seguro de peccar, não amo, eu temo;
O qu'inspira o temor, nos labios morre.
Perdão, oh Deus de amor! Eu quero... eu sinto...
A minha alma fluctua, a dor me acena.
O que fui... o que sou, detesto. Ingrato,
Sacrilego, traidor, profano, injusto
Na taça, qu'empunhei, a morte eu bebo!
Mas á fonte da vida eu corro, eu chego:
Sequioso d'amor... suspiro... encontro
Ser, que não vejo, Essencia, que não toco.
Firme, oh Deus! em te amar, não temo, espero...
A victima da Cruz foi dada ao crime;
Da humana Redempção teu sangue é o preço;
Por mim o Eterno recebeu teu sangue,
Não mais pertendes do que amor? Eu amo.
É tempo, oh Deus de amor! Perdão! Salvai-me.

Á SS. EUCHARISTIA.

Eu te adoro, eu te louvo, oh Divindade,
Sob as especies, onde occulta existes;
Quando invoco teu ser, meu ser se abate;
Se o contemplo, eu suspiro... eu desfalleço.
Maior que as sensações consulto a crença,
Basta-me ouvir teu Nome, escuto e creio;
Disse o Filho do Eterno, um Deus, e basta.
O verbo... esta expressão — verdade — exprime,
Occultastes na Cruz, que és Deus sómente,
Mas occultas aqui tambem que és homem;
Eu confesso que és Deus, que és homem creio;
Que te lembres de mim, te imploro, e peço,
Assim como Thomé, não toco as chagas,
Convencido sem ver-te adoro, e temo.
Por ti cada vez mais eu creia, eu ame;
Sendo a crença de amor, quem ama espera.
Monumento da morte, oh pão da vida,
Penhor da Redempção, hostia incruenta,
Vivendo só por ti, cumpre que eu gose
O doce bem, que gosa só quem vive.
Pelicano amoroso, em fim teu sangue
De meus crimes, Senhor, lave a torpeza:
Uma gota sómente expia, e salva
O mundo inteiro do commum naufragio.
Se hipostatica união confesso occulta
Nas especies, que adoro, oh Deus, permitte
Que franca a entrada de Sião superna
Eu te goze sem veo na vida eterna.

Á SS. EUCHARISTIA.

Oh mysterio d'amor!.. prostrado o povo,
O templo, o sanctuario, o musgo, as pedras,

A luz escassa, o gothico desenho,
Uma alampada . . . o symbolo dos seculos,
Do sol da eternidade annuncio antigo,
Que de dia e de noite ao ar suspensa,
Alumia ao Eterno . . . um Deus . . . as preces,
O pranto, o incenso, que o altar perfuma . .
A belleza innocente, as virgens . . . tudo
Que no seio materno inspira, e sente
Amor, religião, ternura, e pompa;
Silencio . . . echo de um orgão que se calla,
Invisivel união de um Deus e o homem . . .
Tudo inflama e engrandece a alma sensivel.
Então volvendo ao ceo, descobre aonde
Ao som das harpas de ouro, ao som dos hymnos,
Louvor a Jehovah sem fim retumba:
Então conhece um Deus, que immenso existe,
Aos humildes patente, ao sabio occulto:
E que prova maior, quando a alma o sente?

NOTICIAS E COMMERCIO.

Verdade que parece HISTORIA. — Haverá 16 annos que na roda da santa casa da misericordia entrou uma exposta com recommendação particular de se guardar a recordação dos signaes que a acompanharam. Trasia junto a si um bilhete com o pedido de que fosse baptisada com o nome de Mathilde do Carmo. Chegado o tempo de servir foi para uma casa na rua da Rosa — depois para casa da viuva do sr. Soares Franco, na companhia de quem esteve em Coimbra, e ultimamente servia em casa de um marceneiro na rua Formosa aonde ganhava 500 réis mensaes. A benemerita administração da misericordia sabendo que duas pessoas procuravam informações de uma exposta, que parecia com muito justificado fundamento aquella a que nos estamos referindo — mandou-a buscar a casa do marceneiro. Parece que terá de ser senhora de uma fortuna de 60 mil libras. Na presença de uma fortuna tão explendida é para notar que o seu peculio ao entrar na misericordia constava, além do fato que trazia vestido, de duas camisas, dois pares de meias e 370 réis em dinheiro. Está no recolhimento de S. Pedro de Alcantara recebendo por ordem da misericordia licções de excellentes mestras, e parece que por em quanto apenas sabe que sua avó a procura. Esta noticia de encontrar a fortuna de uma familia lhe tem causado grande prazer. Tem uma phisionomia interessante a que dão realce cabellos loiros e olhos azues, é de caracter alegre e de boa indole. No proximo paquete se esperam de sua avó que reside em Inglaterra as instrucções que provavelmente a farão senhora de um grande patrimonio. Depois que esta noticia corre na cidade é para notar a saudade que se desenvolveu na ultima casa que serviu, tendo já a sua ultima ama procurado occasião de lhe fazer ver a estima que por ella tem.

Homem de bem. — Ha dias ia pela Moita um viandante com direcção a Beja: eis que ao mesmo tempo lhe saltam ante o cavallo quatro homens armados. O viandante pára e um delles aproximando-se-lhe pergunta:

— Que dinheiro tem?

— Meia moeda e duas libras . . .

— Quanto ás libras silencio, accudiu o que se tinha aproximado, em voz baixa; ao receber o dinheiro reparte só com os companheiros os 2400 rs.

— Venha o relojo.

— Eil-o, mas olhem que tem o meu nome e como o querem para o venderem vejam que os póde comprometter.

— Antes de partir dê cá os alforges com o que leva.

— Pódem ficar com tudo com tanto que me deixem um corte de vestido de seda que levo para minha mulher.

— O ladrão que tinha feito de parlamentario tirou a seda do alforge e entregando-a com o relojo ao roubado disse:

— Ah bem! siga seu caminho e veja por esta acção que *somos homens de bem.*

A ordem de Malta. — Consta-nos que o governo tracta de reconstruir a — *ordem de malta* — sendo destinada ás sciencias e ás lettras. Não nos parece indiscrição attribuir este louvavel pensamento ao sr. visconde de Almeida Garrett.

Invasão de cães. — Se a policia da cidade evita que se ande armado por causa dos ladrões, o espantoso augmento dos cães exige precauções para quem anda de noite. Ha dias que na calçada da Gloria um homem foi por tal forma atacado por uma matilha de cães que esteve sangrado e muito mal de saude. Em quanto a couve e o perum não escapam ás leis fiscaes, seria menos para admirar que os que querem ter cães, paguem algum imposto.

Casas religiosas. — Pelo relatorio ultimamente apresentado pelo sr. ministro da justiça consta — que o numero actual das casas religiosas, incluindo alguns recolhimentos, no continente do reino é de 119, que o numero de freiras professas não excede a 1500; que o rendimento annual de todas estas casas orça por perto de 200:000$000 rs.; e que entre o numero referido ha 200 freiras prestacionadas com 7:200 rs. por mez pela fazenda publica.